



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

MARQUISE SILVA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *OS CORUMBAS*, DE
AMANDO FONTES**

ITABAIANA-SE

MAIO-2016

MARQUISE SILVA SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *OS CORUMBAS*, DE
AMANDO FONTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI)
da Universidade Federal de Sergipe, Campus
Prof. Alberto Carvalho, como requisito final à
obtenção do título de graduada em Letras
Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vilma Quintela

ITABAIANA

2016

AGRADECIMENTO

Para chegar a essa etapa de minha vida, passei por grandes dificuldades, entre estas devo mencionar a minha resistência em continuar a caminhada estudantil. Porém, não devo deixar de reconhecer a presença divina em minha vida, ela, que me faz acreditar que tudo é possível quando temos fé, e mesmo quando tudo parece estar perdido, basta lembrar que Deus é a força maior que tudo pode. Em segundo lugar encontrei em minha família o incentivo para seguir em frente, e finalmente conseguir essa graça, a finalização deste curso. Foi assim que quando estava desencorajada, tive em minhas irmãs Flávia, Núbia e Suely o apoio necessário, sem deixar de lado meu irmão mais novo Rodrigo, ele que supre minha ausência no sítio quando não posso estar, devido tarefas universitárias, e por fim meus pais, José (Zeca) e Izabel (Belzinha), ambos de origem humilde que sempre depositaram em seus filhos a confiança e o apoio necessário que nos tornou homens de bem.

Foram muitos anos nesta caminhada até chegar aqui, por isso muitas pessoas se fizeram muito especial em minha vida, como a família de Gilson, amigo da família que me acolheu em sua casa, dando-me teto e comida quando precisei, Darli, pessoa maravilhosa, ela que me encaminhou a universidade, quando ainda nem sabia o caminho, foi ela que literalmente esteve comigo no dia da matrícula, esse seu gesto marcou e transformou minha vida, Parlêmia, a geógrafa, que também contribui muito durante esse tempo com sua amizade e apoio, pois mesmo não sendo sua área, me auxiliou na correção deste trabalho, Rosilene, amiga e companheira de luta, compartilhamos juntas material e sofrimento, durante a elaboração de nossos TCCs. Algumas amizades construídas durante minha vida acadêmica, estas que sei que irão além de uma sala de aula como a de Jaqueline, “Jaklinda”, sei que posso contar com sua amizade sempre, foram muitos os colaboradores na realização deste projeto que não dar para mencioná-los aqui. E por fim, a professora Vilma Mota Quintela, esse anjo de paciência que esteve ao meu lado em todos os momentos que precisei, orientando-me e passando-me confiança nos momentos que me sentia incapaz, e ela dizia: “calma mulher, você tem potencial, acredite que você consegue”, essas palavras foram muito importantes neste momento de minha vida obrigada professora.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo promover uma reflexão sobre a condição feminina no início do século XX, tal como esta é representada em *Os Corumbas* de Amando Fontes, romance que ressalta o cotidiano de mulheres da classe operária na década de 1930, na cidade de Aracaju, no momento em que o setor industrial estava em consolidação, evidenciando os efeitos do capitalismo nas relações sociais e de trabalho naquele contexto regional. Por meio de um estudo minucioso da obra e com embasamento em textos teóricos sobre o romance do Nordeste, tendência em que o romance se situa, e sobre questões envolvendo relações de gênero, propõe-se aqui analisar como, ao ressaltar de forma crítica aspectos referentes à vida e às condições da mulher no contexto dado, *Os Corumbas* se caracteriza como um romance de denúncia das mazelas sociais decorrentes dos efeitos do capitalismo em uma sociedade marcada pela ideologia machista própria da sociedade patriarcal. Dentre os textos teóricos que serviram como referencial a este trabalho destacam-se os estudos de Mary Del Priore (1997) e Elódia Xavier (2007), no que se refere às questões envolvendo a mulher na sociedade brasileira da época, e Antônio Candido (1989) e Alfredo Bosi (1970), no que diz respeito ao romance em enfoque e a sua contextualização histórica e literária.

PALAVRAS-CHAVE: Representação da Mulher. Romance Social. *Os Corumbas*. Gênero

ABSTRACT

This study has the aim to promote a reflection on the status of women in the early twentieth century, as this is represented in the *Corumbas* of Amando Fontes, novel that highlights the everyday of women of the working class in the 1930s, in the city of Aracaju at the time the industry was consolidating, showing the effects of capitalism on social and work relationships that regional context. Through a detailed study of the work and grounding in theoretical texts on the novel of the Northeast, a trend in which the novel is set, and on issues involving gender relations, it is proposed here to analyze how, highlight so critical aspects related to life and to women's conditions in the given context, the *Corumbas* is characterized as a novel denouncing social problems resulting from the effects of capitalism in a society marked by the chauvinistic ideology of patriarchal society. Among the theoretical texts that served as a reference to this work, we highlight the study of Mary Del Priore (1997) and Elodia Xavier (2007), with regard to issues involving women in Brazilian society at the time, and Antonio Candido (1989) and Alfredo Bosi (1970) with regard to the novel approach and its historical and literary context.

KEYWORDS: Women's Representation. Social Romance. The *Corumbas*. Genre

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.01
1. OS CORUMBAS: UM ROMANCE SOCIAL SOBRE A ARACAJU INDUSTRIAL DA DÉCADA DE 30.....	p.05
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENREDO DA OBRA.....	p.07
2. A DESVALORIZAÇÃO DA MULHER NO ÂMBITO FAMILIAR E PROFISSIONAL: PONTOS DE INTERSEÇÃO ENTRE A REALIDADE HISTÓRICA E A FICÇÃO.....	p.09
3. OS CORPOS FEMININOS EM <i>OS CORUMBAS</i>	p.15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.17
REFERÊNCIAS.....	p.18

INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tenho por objetivo uma reflexão sobre a condição feminina, na sociedade aracajuana no início do século XX, tal como esta é representada em *Os Corumbas*, romance de Amando Fontes publicado em 1933, que ressalta o cotidiano de mulheres da classe operária na década de 1930, na cidade de Aracaju.

Em especial, procuro aqui evidenciar o valor dessa obra, enquanto um romance de denúncia das desigualdades sociais e das condições subumanas características da vida do proletário, principalmente da mulher proletária, em uma sociedade marcada pelo machismo dominante no sistema patriarcal, no contexto histórico que serviu de referencial ao romance.

Para tanto, realizei uma sequência de leituras e fichamentos de textos usados para a fundamentação teórica do trabalho. Com base neles, procurei estabelecer uma reflexão acerca do meu objeto de estudo - a representação da mulher subalterna no romance de Amando Fontes - tendo como ponto de partida uma análise das relações de gênero no universo narrado. Como embasamento teórico, utilizei estudos de críticos consagrados no campo dos estudos literários brasileiros, tais como Alfredo Bosi (1970), Antônio Candido (1989) dentre outros surgidos mais recentemente, que me serviram de norteadores a uma leitura dos eventos narrados no romance, a partir de uma perspectiva sócio histórica. No que se refere, especificamente, às questões referentes à condição da mulher na sociedade brasileira, tomei como referencial teórico estudos de Elódia Xavier (2007), que tratam, entre outros assuntos, do corpo feminino como objeto de dominação masculina; e artigos sobre a história das mulheres no Brasil, organizados por Mary Del Priori (1997), nos quais se analisa a condição do ser feminino em uma sociedade marcada pelo sexismo.

Além disso, para uma melhor fundamentação histórica sobre os problemas sociais vividos pela mulher pobre no contexto do romance, fiz um levantamento de dados a partir da leitura de estudos que abordam temas ligados a desvalorização da mulher na sociedade machista e patriarcal da época representada. Esse é o caso do estudo de NOGUEIRA (2010), que aborda questões referentes à exploração da mão de obra barata de mulheres e crianças no setor industrial, nesse período, traçando um paralelo com *Os Corumbas*, de Amando Fontes. Com base nesse estudo, procurei apontar, em minha reflexão, alguns motivos que levaram muitas mulheres a escolher o caminho considerado, pelo viés machista, mais “fácil” para sua sobrevivência, o caminho da prostituição, o que contribuiu a uma imagem negativa da mulher sobrevivente fora do casamento e à margem do sistema patriarcal, constituindo-se, esta, como a principal vítima do capitalismo nas condições dadas. Esse estudo, em particular, me tornou

possível aprofundar a questão referente à prostituição, um dos temas privilegiados no romance, onde essa prática é denunciada como uma das mazelas sociais vivenciadas pelas mulheres pobres, visto que, a falta de melhores oportunidades e o machismo dominante, colocava as mulheres operárias das fábricas têxteis a mercê da exploração e do abuso sexual por parte dos homens em geral. Vítimas do machismo e do sistema de exploração capitalista, o destino da mulher nessas condições era, necessariamente, a espoliação e a marginalização social.

Da mesma forma, foi de grande importância à contextualização histórica deste TCC, dentre outros, o estudo de Paoli (1992), que também discorre sobre questões referentes à exploração social do pobre no início do século, informando sobre as condições subumanas de sobrevivência do trabalhador brasileiro de baixa qualificação nesse período, as quais, de acordo com a autora, justificaram a criação, entre 1918 e 1929, de medidas legais a favor da classe operária.

Com base nesses referenciais teóricos, me propus a fazer uma análise aprofundada do papel da mulher na sociedade patriarcal do período em que se dão as ações do romance, tomando como ponto de partida a família Corumba, protagonista dos eventos narrados na obra. Além disso, ressaltando que o romance aborda principalmente a questão do operariado nas fábricas têxteis de Aracaju e as más condições de trabalho vividas pelos operários de forma geral, procurei refletir também a presença de outras mulheres trabalhadoras, destacando os traços que as definem, no sentido de compreender os perfis femininos aí representados. Ou seja, busquei analisar o percurso e o destino das personagens femininas no romance de Amando Fontes, ressaltando os modos de inserção das mulheres no contexto sergipano das indústrias têxteis, de forma a mostrar como, ao colocar em primeiro plano as condições de miséria e marginalização das mulheres de famílias de baixa renda, o autor se destaca em sua geração, despontando como uma das mais significativas expressões do romance social brasileiro da década de 1930.

O interesse por esse trabalho surgiu no período quando, cursando a disciplina Literatura Sergipana nesta universidade, tive meu primeiro contato com o romance aqui em estudo. A partir desse contato, surgiu uma identificação pessoal com a narrativa. Talvez isso tenha ocorrido por conta de minhas origens, levando em conta que venho de família humilde, tendo como avós maternos sertanejos, em muitos pontos, semelhantes às personagens representadas na obra de Amando Fontes.

Sendo um romance de um escritor radicado em Sergipe, a obra *Os Corumbas* traz representados os problemas de uma classe oprimida, vivendo na década de 30 em Aracaju,

cidade descrita pelo autor com tamanha precisão histórica que me levou a refletir de uma forma mais ampla sobre a situação da mulher no período em questão, quando costumes arcaicos contracenavam com os novos hábitos trazidos pela introdução de recursos próprios da modernidade em nosso meio social.

Abordando diversos temas de interesse social, como a exploração do trabalhador braçal, a pobreza, as relações de trabalho na indústria têxtil e a prostituição daí decorrente, o romance em pauta oferece elementos significativos a uma reflexão sobre a situação da mulher brasileira vivente em meio a relações de dominação próprias da sociedade patriarcal, as quais procuro destacar neste trabalho. Além da situação de desigualdade envolvendo a mulher operária, denunciada na obra, em que se destaca a posição da trabalhadora braçal como vítima da sociedade machista do início do século XX, procuro também ressaltar, em minha análise, o papel da mulher no desenvolvimento do setor industrial têxtil, num momento em que o mundo foi palco de revoluções envolvendo a classe operária e, particularmente, a mulher como força de trabalho, destacando-se a luta por direitos básicos.

Espero com isso ajudar a desconstruir certa imagem do sexo feminino projetada pela sociedade brasileira no século passado, mostrando como, no romance, se dá a representação da mulher trabalhadora de modo a se denunciar as relações de desigualdade que a definem como ser socialmente inferior. Nessa abordagem, cumpre ainda destacar o perfil paradoxal da mulher, tal como essa é representada na obra, vista, ao mesmo tempo, como um ser fraco perante a opressão da sociedade, e como símbolo da força do sertanejo, sendo capaz de manter-se firme diante dos reveses da vida e do descaso social. Cumpre destacar, nesse romance, a representação da sociedade machista na qual os direitos à cidadania eram reservados ao homem, ressaltando o perfil da mulher como sujeito social, capaz de agir com sabedoria, com base em uma leitura intuitiva do mundo e das relações culturais, a despeito de sua exclusão social ostensiva e deliberada. Por fim, esse estudo se justifica pela necessidade contemporânea de se problematizar o papel reservado à mulher no decorrer da história do Brasil, bem como de se discutir o papel da literatura e das artes, de forma geral, na constituição do nosso imaginário cultural.

Além disso, procurei adentrar na questão da seca no sertão nordestino, grande responsável pelo grande número de migração de pessoas do campo para a cidade, lugar onde os refugiados da seca e da fome esperavam encontrar uma condição de vida mais digna, por meio da qual pudessem ter, no mínimo, os direitos básicos de cidadão, quais sejam: saúde, moradia, educação e lazer. No entanto, ao se depararem com o novo mundo com que sonhavam, em grande parte das vezes, os retirantes logo constatavam que tudo não passava de

ilusão, restando-lhes a condição de trabalhador operário com muito trabalho, pouco dinheiro e condições degradantes de sobrevivência. Refletindo sobre textos de cunho sócio histórico sobre os direitos reservados aos trabalhadores pobres nesse contexto, podemos perceber o quanto a sociedade era indiferente no que diz respeito a essas questões, o que nos permite concluir sobre a força da denúncia social operada na obra de Amando Fontes, o quanto ela que nos remete à realidade aracajuana da época e, em especial, à situação da mulher nordestina retirante.

Sob a ótica do feminino, neste trabalho procuro mostrar o quanto o pensamento e os valores de uma sociedade têm influência na construção do imaginário social sobre a família e sobre a mulher, definindo o que se considera como bom e direito no que se refere às questões de gênero, envolvendo as relações íntimas e sociais, o que, no caso em questão, quase sempre colocava a mulher em desvantagem frente ao homem. Tendo isso em vista, procurei transitar por questões referentes à instituição do casamento na sociedade patriarcal brasileira, com base na qual se define a prostituição como um caminho deplorável, mas, no entanto, útil à manutenção do papel subalterno relegado à mulher nesse sistema ideológico, estando, a exploração sexual de mulheres pobres, necessariamente, presente no cotidiano da Aracaju de costumes arcaicos dos anos de 30.

Simultaneamente, temos a questão religiosa que molda o caráter e a personalidade de homens e mulheres, e que traz enraizada em sua história a ideia da pureza, isto é, da negação do prazer sexual como o caminho da salvação. Com base nisso, julga-se e condena-se a mulher que foge aos padrões tradicionais, atribuindo-lhe o rótulo de perdida e impura. Procuro ainda aqui ressaltar como, na obra de Fontes, denuncia-se a condição do corpo feminino como um signo de poder e de destruição. Por um lado, a beleza do corpo feminino torna as mulheres pobres presas fáceis dos donos do poder. Em contrapartida, procurei ressaltar, como ponto positivo, o poder desse mesmo corpo que, de certa forma, torna possível a sobrevivência da mulher quando lhe são fechadas todas as portas da convivência social entre as pessoas consideradas “de bem”.

1. OS CORUMBAS: UM ROMANCE SOCIAL SOBRE A ARACAJU INDUSTRIAL DA DÉCADA DE 1930

Amando Fontes (1899-1967), nasceu em 15 de maio de 1899, em Santos, estado de São Paulo, viveu desde sua infância até adolescência com os seus avós paternos, na cidade de Aracaju- SE. Filho do farmacêutico Turíbio da Silveira, aos dez anos de idade foi admitido no Atheneu Sergipense. Aos 15, começa a trabalhar como revisor no Diário da manhã em Aracaju. Em 1924, forma-se em direito pela Faculdade de Direito da Bahia, passando a residir em 1930 no Rio de Janeiro, no intuito de dedicar-se à advocacia, elegendo-se em 1934, deputado Federal pelo Estado de Sergipe (FONTES, 2003).

Seu romance, *Os Corumbas*, foi publicado em 1933, durante a Era Vargas, momento de instabilidade política, quando o país vinha sofrendo com as mudanças envolvendo a extinção da política do Café com Leite, um acordo firmado no período (1894-1930), que garantia aos estados de Minas Gerais e São Paulo o poder nacional. Sendo São Paulo o maior exportador de café e Minas o maior produtor de leite, o país vivera durante muito tempo essa alternância, na chamada República Oligárquica.

Segundo Bosi (1970), o país estava cansado com a dominação oligárquica que durara quase meio século, por isso, no início do século XX, a nobreza composta pela burguesia industrial, junto com o exército e outros profissionais, conseguem acabar com a política do café com leite.

Esse momento marcou um novo capítulo na história do país, começando uma nova era, a chamada Era Vargas, em que Getúlio Vargas, detém o poder presidencial do país. Logo depois da revolução de 30, Vargas assume a presidência e com ele é instaurado um quadro político cheio de conflitos. Esses conflitos desencadearam a evacuação das oligarquias cafeeiras, e a posse autoritária de Vargas, sustentada pela junta militar que o tinha como o líder revolucionário, provoca grandes insatisfações contra o governo, que resultará numa revolta a favor de uma Assembleia constituinte. Em decorrência desse fato, houve, em 1934, as eleições diretas e, com ela, o direito de voto para as mulheres. Em 1937, Vargas dá um golpe de Estado, apoiado pelos militares. Nesse contexto, destacam-se as greves dos partidários da reforma agrária, que defendiam a igualdade para todos, inconformados com as explorações das classes operárias pelos industriários.

No que se refere a esse período, Antonio Candido (1989) destaca a questão do subdesenvolvimento e da desigualdade regional, tematizada no chamado romance regionalista ou social, tendência que projetou o romance do Nordeste, no qual se colocava, pela primeira

vez, em foco a miséria e o abandono social flagrado no Nordeste do Brasil. Tendo isso em vista, o autor aponta o regionalismo dos anos 1930 e 1940 como precursor da consciência de subdesenvolvimento, e os escritores como responsáveis por trazer à tona questões de mazelas sociais ocasionadas pela classe dominante:

O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu *destino* individual. (CANDIDO, 1989, p. 80).

Essa consciência de país subdesenvolvido levou escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Amando Fontes a defenderem uma ideologia nacional pautada na questão social, colocando em primeiro plano a realidade das classes oprimidas, levando-a a conhecimento nacional. O posicionamento político destes escritores os levou à elaboração de uma literatura engajada nas questões de cunho político, que denunciava a desigualdade social no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

E meio a esses acontecimentos, Amando Fontes publica, em 1933, o romance *Os Corumbas*, situando-o em Sergipe, onde o autor viveu parte de sua juventude. Conhecedor dos problemas sociais do país, principalmente das questões referentes aos meios precários da produção industrial em Aracaju, a capital sergipana, Fontes configura a realidade social nesse contexto, ressaltando as péssimas condições de vida do homem do campo que, na Sergipe do início do século XX, migrava para a cidade, fugindo da seca e da fome, buscando, nos novos meios de produção capitalista, melhores condições de sobrevivência, o que, frequentemente, os levava ao abismo social, tornando sua vida tal qual ou pior do que era no campo. Mais especificamente, no romance *Os Corumbas*, Fontes nos remete à questão da mulher nordestina que foi e continua sendo vítima de um sistema que tenta camuflar a realidade social na qual ela se insere. Neste trabalho, proponho-me a fazer uma análise do discurso dominador nesse, o discurso patriarcalista, que relega ao gênero feminino um papel social inferior, discurso esse identificado com o pensamento machista da época, observado tanto no âmbito do romance, quanto da sociedade aracajuana do início do século XX.

Caracterizado por uma temática recorrente no romance industrial, em voga na época, *Os Corumbas* se insere no contexto do romance social. Nessa obra, revelam-se as condições de vida dos operários, os preconceitos sociais por eles vivenciados e outras as mazelas sociais características do cenário aracajuano naquele período. Nesse romance, Amando Fontes coloca em relevo a família de sobrenome homônimo, que representa a classe na qual se inseriam os

retirantes de origem sertaneja migrados em decorrência da seca e da consequente miséria instalada em sua região de origem, que chegavam em grande número à capital, em busca de oportunidades de ganho no setor industrial que se firmava. Dessa forma, a narrativa se desenvolve no espaço nordestino, denunciando as mazelas sociais e o descaso do poder político nesta região, mais especificamente, no que se refere à situação da mulher e a sua inserção no âmbito do sistema fabril, no estado de Sergipe. Considerando esse aspecto, como aponta SILVA (1991), podemos incluir Amando Fontes no grupo dos escritores regionalistas da década de 1930.

1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENREDO DA OBRA

Quanto ao enredo, o romance *Os Corumbas* se desenvolve em três partes, em que se narra, respectivamente, a vida dos corumbas no interior do estado de Sergipe, a experiência da família na capital e, por fim, o retorno dos patriarcas a região de origem. Na primeira parte, são descritas algumas cenas da cultura sertaneja, ressaltando-se as convicções religiosas do povo, representadas nas manifestações de fé destinadas aos santos católicos, a quem os pobres agradecem a sobrevivência em meio à situação precária ocasionada pela seca, característica da região. Na segunda parte, a mais significativa no que se refere às questões aqui privilegiadas, as ações se desenrolam na capital sergipana, estabelecendo-se uma oposição entre o ambiente rural, onde se desenvolve a primeira parte, e o ambiente urbano, onde se desenvolve a maior parte da trama. Por fim, a última parte relata o retorno do casal protagonista, vencido pelo sistema de dominação social vivenciado na capital.

Colocando em relevo as mazelas sociais que caracterizavam a vida do pobre nesse contexto, *Os Corumbas* promove a reflexão sobre questões ligadas, especialmente, a mulher e às lutas operárias, denunciando as más condições de trabalho e a desvalorização do feminino, no auge do processo histórico da industrialização. Dessa forma, a pobreza que atingia a família Corumba e toda a classe operária da capital sergipana, se destaca como tema central dessa narrativa. Apesar de todos os esforços feitos para mudar sua posição social, *Os Corumbas* não conseguiram ascender socialmente, permanecendo na condição de pobreza, apesar de nunca desistirem de lutar contra o destino. Podemos perceber isso no trajeto da família Corumba, desde a primeira parte, que se dá no interior, até a segunda parte, passada na capital. A miséria da região sertaneja e o descaso dos políticos em torno daquela localização geográfica levaram os protagonistas a abandonar suas origens e provar o lado escuro da vida na capital.

Em *Os Corumbas*, temos como protagonista a família Corumba, composta por Sá Josefa, a matriarca e a mais atuante da história, tendo sido ela a que mais influenciou na migração da família para a capital; o já idoso Geraldo, seu marido, o homem da casa, que, apesar de não ter uma postura firme diante das humilhações da vida, é o porto seguro da esposa. Fazem ainda parte da família Rosenda, a filha mais velha e a primeira a cair no mundo da prostituição, seguida pela sua irmã Albertina, esta que, depois de resistir aos galanteios do Drº Fontoura, se rende as suas seduçãoes, e é abandonada a própria sorte. Ambas as jovens trabalhadoras têm a vida transformada depois que ingressam nas fábricas têxteis. Bela, a filha frágil e delicada, ainda adolescente, sucumbe no meio da narrativa por conta de uma doença mal cuidada, devido à falta de condições para comprar os remédios. Pedro, único filho, inconformado com a exploração trabalhista em que vivia, envolve-se em rebeliões grevistas e é deportado para a cidade do Rio de Janeiro. Por fim, Caçulinha, a filha mais nova, a esperança da família, que esperava vê-la tornada professora, também, segue o mesmo destino das irmãs, passando a viver às custas de um homem casado, um dos motivos pelos quais seus pais retornaram à terra de origem.

Os grandes antagonistas do romance são os industriários, que sempre visam os lucros sem se importar com as condições miseráveis dos funcionários, vítimas do sistema desumano que Amando Fontes nos apresenta em seu romance. Como se vê, o autor procura ressaltar a constituição familiar característica da classe operária de Aracaju nas primeiras décadas do século XX, quando dominava a ideia da obediência incondicional ao homem, a quem as mulheres, de modo geral, deveriam se submeter. Dessa forma, o enredo problematiza questões referentes à noção de respeito e honra dominante nesse contexto, em que esses conceitos se vinculavam à ideia da subordinação feminina e do direito ao abuso por parte dos homens, o que tornava as mulheres vítimas do sistema de dominação patriarcal.

2. A DESVALORIZAÇÃO DA MULHER NO ÂMBITO FAMILIAR E PROFISSIONAL: PONTOS DE INTERSEÇÃO ENTRE A REALIDADE HISTÓRICA E A FICÇÃO

No estudo “Ser mulher, mãe e pobre”, publicado na *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore (1997), Cláudia Fonseca fala da desvalorização feminina na década de 20, tomando como exemplo o Sul do Brasil, em que a mulher vivia “entre a cruz e a espada”, tendo que trabalhar fora para ajudar no orçamento do lar e, ao mesmo tempo, salvaguardar sua reputação, numa sociedade que não reconhecia o valor do trabalho feminino, mesmo quando sua atividade equiparava-se ao do homem, como comenta a autora neste trecho:

Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora”, como o homem em situação parecida, a mulher com o trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário. (DEL PRIORE, 1997, p. 516).

Essa desvalorização se estendia às mais diversas partes do mundo, incluindo a Europa, como apontam estudos sobre as questões sociais envolvendo a mulher entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, em que predomina a defesa da instituição do casamento como meio de ascensão social. No entanto, para isso, entre as classes mais altas, a mulher precisava ainda ter determinados atributos exigidos pela sociedade, tais como bom trato social e alguma escolaridade, esta última, nesse período, pouco acessível às mulheres em geral. Nesse imaginário, a mulher, mesmo instruída, deveria ser submissa ao domínio masculino e depender economicamente do homem, sendo o casamento a única oportunidade que ela tinha de mudar de posição social, passando, assim, do estado de solteira ao de casada, como podemos perceber no trecho abaixo, extraído do livro *Conselhos às criadas cristãs e jovens*, de Dolores Del Pozo (Barcelona, 1899), citado por RALLE (1996):

Uma das coisas pelas quais vos convém também aprender a ler, a escrever e um pouco de contas é para poder algum dia vos colocar melhor. Há muitos homens que têm um pequeno capital e que gostariam de montar um pequeno comércio ou abrir uma indústria, e necessitam casar-se com uma mulher que tenha um pouco de instrução para partilhar o trabalho e as contas da casa. (DEL POZO, 1899, apud RALLE, 1996, p. 91).

Esta mesma preocupação se pode observar em Sá Josefa, matriarca da família Corumba, quando ela se vê diante da necessidade de sua filha mais jovem, Caçulinha, abandonar os estudos para trabalhar, para assim contribuir no orçamento da família, como se vê no trecho abaixo, em que a moça procura convencer a mãe a esse respeito:

-Não, mãe, esta situação não pode mais continuar. Assim, a gente acaba pedindo esmola na rua. Bela já tem um mês que não trabalha... Tudo já está faltando aqui em casa. De minha parte, eu estou sem roupa e sem sapato. Tenho pensado muito em tudo isso (FONTES, 2003, p.124).

Consciente da situação e do que poderia acontecer se sua filha deixasse a escola, Sá Josefa se coloca de forma enérgica ao responder:

- O que é que você quer dizer com isso? Deixar os seus estudos pra ir se meter também na fábrica?! Na expressão de seu rosto, nos seus gestos, se revelavam a surpresa e o abalo profundo que a simples enunciação daquela ideia lhe causara. (FONTES, 2003, p. 125).

O abandono dos estudos e a abdicação de um futuro, hipoteticamente, melhor, em prol da sobrevivência da família, parece tão grave, que não preocupa apenas a mãe, como a toda família, incluindo Albertina, a filha mais velha do casal Corumba, que, mesmo trabalhando no limite de suas forças, demonstra indignação ao saber dos planos da irmã: “Que nada! Caçulinha é doida! Nem que eu tenha de trabalhar mais um quarto, noite adentro... mas ela deixar os estudos, pra viver a vida que a gente leva, isso nunca! ” (Fontes, 2003, p.126.)

É nesta perspectiva que podemos identificar a obra de Amando Fontes como um romance de análise social, visto que, o que acontece com uma personagem, reflete nas demais, seja pelo lado positivo ou pelo negativo. Podemos perceber isso quando, no início da narrativa, ainda na região da Ribeira, toda a família Corumba se vê atingida pela catástrofe da seca, apoiando a decisão de Geraldo, o patriarca, que, guiado pelos pensamentos da esposa, resolve mudar para a capital; ou quando Pedro, o único filho homem, envolve-se com questões políticas, atingindo todos a sua volta. O mesmo acontece no caso de Caçulinha, que consegue uma vida estável tornando-se amante do Dr. Gustavo, contrariando os valores cultivados naquela sociedade, o que a leva a romper com a família, embora, mesmo cheia de receio, sua mãe se veja constrangida a aceitar, em segredo, a sua ajuda. Esse fato acabará influenciando o retorno de seus pais à terra de origem, vencidos pela humilhação e pela miséria. Envolvendo problemas do proletariado, *Os Corumbas* transita entre a miserabilidade humana e os valores ideológicos de uma família humilde, que acaba se desestruturando quando do embate com os valores capitalistas dominantes. Testemunhando a exploração sexual e econômica de suas filhas, Geraldo e Josefa sofrem as consequências sociais do rumo inesperado que toma sua família na capital:

-Pobre é como boi de carro. Aguenta canga, ferrão, o diabo! E se um dia teima, sem querer trabalhar, o dono grita logo pro carreiro: - “este boi anda cansado; está bom é de ir pra faca.” Pobre é assim. “Se não aguenta a lida e afrouxa, morre de fome, que é faca cega: mata devagarinho...” (FONTES, 2003, p. 50)

Este trecho mostra o sofrimento de Sá Josefa ao se deparar com o sofrimento de sua filha mais velha que, mesmo cansada de ser explorada pelo sistema desumano do setor industrial, entende que precisa se submeter aos abusos para sua sobrevivência e pelo sustento da família, pois sua contribuição era fundamental ao orçamento familiar. Conscientes das necessidades que passavam as pessoas menos favorecidas socialmente, os proprietários das fábricas aproveitam a situação de miséria para empregá-las, nas fábricas, em troca de muito trabalho e pouco ganho, instituindo, assim, as péssimas condições de exploração de mão de obra barata de homens, mulheres, muitas dessas, ainda crianças ou adolescentes, que trabalhavam tanto quanto os homens e ganhavam bem menos.

Essa exploração, flagrada no contexto social em que se situa o romance, ia de encontro ao fato de que, até o início do século XX, não existia nenhum tipo de proteção legal aos interesses dos trabalhadores. Esse foi o motivo pelo qual, nos anos entre 1917 e 1919, o Brasil foi cenário de grandes manifestações grevistas, que chamaram a atenção do estado para a situação vivida pelos os operários, iniciando-se, com isso, um novo capítulo na história dos operários brasileiros, com a interferência do governo federal nas causas trabalhistas, recebida com temor pelos proprietários das fábricas, como informa PAOLI (1992):

“os empresários industriais, surpreendidos com o vigor das manifestações grevistas dos anos 1917-1919, viram com temor que uma de suas consequências tinha sido a entrada do Estado na regulamentação das relações de trabalho” (PAOLI, 1992, p. 2).

Segundo a autora, o resultado dessas manifestações foi além do esperado. Configura-se, nessa época, um novo olhar para as condições de trabalho da classe trabalhadora, o que provocou o desagrado dos empresários, que não viram com bons olhos a interferência do Estado em favor da classe oprimida, pois, na visão dos mesmos, os operários se comparavam a animais, incapazes de exercer uma atividade intelectual:

a legislação do Estado para o trabalho abria um espaço de liberdade e de iniciativa para os trabalhadores, incompatível com gente cujas “faculdades morais e intelectuais não foram afinadas pela educação e pelo meio, cuja a vida, puramente animal, supera em muito sua vida psíquica...” (NOGUEIRA, 1935, apud PAOLI, 1992, p. 3)

Testemunha desses acontecimentos, Fontes apresenta, em *Os Corumbas*, situações que poderiam ser flagradas no cotidiano sergipano, especialmente, no cotidiano da capital: mulheres tratadas como animais, a exemplo das filhas da família Corumba e de outras

personagens femininas periféricas, que são obrigadas a trabalhar nas fábricas sob condições desumanas. Esse é o caso da personagem Benedita:

“chegando junto as outras duas, Benedita nem fez menção de se sentar. De pé, como se achava, abriu sua latinha, onde havia um pouco de tripa assada e fava branca, e pôs-se, demoradamente a mastigar” (...). (FONTES, 2003, p. 151)

Trata-se de uma mulher nos últimos meses de gestação, que é obrigada a trabalhar para seu sustento e de seu marido, que se encontra doente e sem nenhum auxílio de saúde. A exploração trabalhista é tão grande que, mesmo diante dessa situação, o operário (a) não tem nenhum benefício diante de seu estado, e tem que comer em pé, sensibilizando, como percebemos apenas suas colegas de trabalho:

– Mas, por Nossa Senhora, sente-se, mulher. Quem já viu uma pessoa almoçar assim de pé? A outra esboçou um riso triste e em tom de pilhéria retrucou: - É!... Quando você se casar e estiver com o bucho nesse estado (e apontando para o ventre), quero ver você sentar-se no chão puro... Albertina elevou as mãos até a altura da cabeça, num gesto de surpresa e compaixão (FONTES, 2003, p. 151).

Vale ressaltar que, só em 1934, a mulher consegue direito ao voto, além de outras conquistas do governo Vargas, como os direitos trabalhistas, o que até então não existia. A falta desses direitos é exposta com a precisão própria do naturalismo literário, quando o autor ressalta a exploração dos patrões e a ignorância do trabalhador em relação a seus direitos. Essas condições são evidenciadas na representação da mulher operária que lamenta o sofrimento de uma colega de trabalho, doente por conta da falta de proteção no ambiente de trabalho:

- Escute aqui, Isabel: ouvi dizer que a fábrica suspendeu a mesada de sua irmã, remédio e tudo... Se foi isso mesmo assim, isso é a maior ruindade que eu já vi!... A pobre trabalhou vinte anos pra esses homens... (FONTES, 2003, p. 154)

O tempo que a operária trabalhou na fábrica é bem enfatizado pela colega indignada com as condições que a mulher vivia depois de dedicar sua vida à produção fabril. O trecho a seguir nos remete a uma questão, apontada por Nogueira, sobre a falta de conscientização dos trabalhadores em relação a seus direitos, o que colocava os patrões em posição de decidir o destino dos pobres, tratando-os como animais, pelo julgamento preconceituoso de suas capacidades morais e intelectuais. Em outras palavras, segundo o discurso dominante, a falta da escolaridade e de conhecimento social fazia desses operários objetos que, depois de

usados, podiam ser jogados fora. No trecho abaixo, ressalta-se o descaso dos patrões em relação à vida de seus empregados:

-Não, mina filha, não suspenderam. O que se deu foi isso: eles, no começo, davam oito mil-réis por semana e mais remédios. O doutor também ia lá em casa todo dia. Mas ela custou a ficar boa, foi pra pior, e eles acabaram se cansando... Agora, só dão quatro mil-réis em cada sábado. Remédio, o doutor diz que não precisa... (FONTES, 2003, p. 154).

Mesmo depois de sofrer a exploração e o abandono da classe patronal, como percebemos na fala da irmã da operária doente, havia lugar para o sentimento de gratidão àqueles que lhe prestavam, que fosse, um mínimo de auxílio, quando, na realidade, nem mesmo chegavam a cumprir com as obrigações básicas da classe empregadora. Na cena exposta acima, vemos que a paciente operária vê passiva seus direitos ao amparo legal, gradativamente, serem retirados: primeiro os cuidados médicos e, em seguida, o auxílio pecuniário. Mesmo assim, a família aceita e até defende as ações de seus exploradores, explicitando-se o abuso do trabalhador pelos proprietários.

Pela leitura da obra, é possível identificar a degradação humana comum no contexto social que serve de referencial à obra na medida em que o romance coloca em relevo as condições insólitas a que se submetia o gênero feminino, o que só mudou a partir dos anos 60, com a conscientização das mulheres a respeito de seus direitos, o que as levou a trabalharem em conjunto, ocasionando o afloramento dos movimentos femininos e uma reação ao machismo dominante como aponta Hernandez:

A história do feminismo é dividida em dois períodos, a “*primeira geração*” que vai dos anos de 1860 até 1920, representada basicamente pela igualdade dos direitos e movimentos reformistas; e a “*segunda geração*”, que teve maior força no final da década de 1960. Neste período, os movimentos feministas caracterizaram-se por duas correntes: a primeira enraizada pela igualdade dos direitos, preocupada em eliminar a subordinação e discriminação contra as mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público. A segunda caracterizou-se pela tendência à emancipação das mulheres e a sua participação política, sob uma mudança social radical (HERNANDEZ 2007, apud CARVALHO, 2011, p. 2).

Vale ressaltar que, embora tenha havido grande avanço na questão de gênero, ainda há muito que fazer para desconstruir a imagem negativa da mulher como ser inferior imperante durante muito tempo na história social brasileira.

Esta questão é colocada em foco por muitos escritores brasileiros, que, como Fontes, denunciam, em suas obras, as condições de pobreza sob as quais vivia o trabalhador urbano. A esse respeito, Bilhão (2011) aborda o problema do abuso machista contra as mulheres,

descrevendo o ambiente rustico em que são inseridas as mulheres pobres. Ao usar a palavra “pobres”, a autora vai além do sentido literal da palavra, pois ela faz inferência a mulher indefesa, vulnerável, ou simplesmente casta, obrigada, pela miséria social, a viver toda sorte de abusos, não lhes restando alternativa senão chorar em casa, o que demonstra o seu inconformismo com sua situação, tal como se representa em *Os Corumbas*, a exemplo da cena em que Albertina se vê em uma situação semelhante, envolvendo o seu superior, o contramestre Misael:

- Foi o Misael, o contramestre da minha seção... Miserável! Ele não gosta de mim, porque eu não sou como as outras, que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com ele. Gritei-lhe no focinho (FONTES, 2003, p. 48).

Este trecho representa o sofrimento, não só da filha de Geraldo e Josefa, como o de muitas mulheres da época, destruídas pela dominação capitalista. Além disso, o trecho acima nos leva a outra questão presente no início deste século, não só em Sergipe, como também em toda parte do país: o problema da prostituição. Como podemos notar na fala de Albertina, trata-se de uma moça de família que sofre os abusos de seu superior, o que a leva a enfrentar o chefe, mesmo que isso possa lhe custar o desemprego. Mas nem sempre as coisas aconteciam desse jeito. Como se vê no decorrer da narrativa, que mostra como a prostituição acaba sendo a única saída para a jovem pobre e bonita, como nos mostra o exemplo de Albertina e de muitas outras.

3. OS CORPOS FEMININOS EM *OS CORUMBAS*

Como um romance de crítica e análise social, *Os Corumbas* traz questões envolvendo a situação histórica da mulher na sociedade patriarcal brasileira do início do século XX, tornando possível estabelecermos um paralelo entre essa obra e o estudo de Elódia Xavier (2007), aqui usado como referencial teórico. Em seu livro *Que corpo é esse? – O corpo no imaginário feminino*, a autora apresenta uma reflexão teórica sobre a mulher, aí representada como vítima do machismo e do sistema capitalista androcêntrico. Em seu estudo, Xavier aborda dez categorias de corpos femininos, sendo todos, segundo a autora, subalternos ao homem e à ideologia machista, o que nos remete à representação literária da mulher pobre no romance de Amando Fontes.

Na tipologia apresentada pela autora em seu estudo, importa destacar a categoria do “corpo disciplinado”, ao qual podemos relacionar a visão de mundo de Geraldo e Sá Josefa, que, no decorrer da narrativa, mesmo conscientes do preconceito social em relação à condição feminina e à pobreza, não deixam de afirmar os preconceitos imperantes na sociedade capitalista patriarcal, reproduzindo em seus discursos o valor da honra, nesse caso associada à ideia da dependência e da submissão feminina. Consequentemente, sujeitos ao sistema de alienação social dominante, o casal Corumba cai em desgraça quando suas três filhas, Rosenda, Albertina e, por fim, Caçulinha caem no mundo da prostituição, contrariando, assim, os valores machistas da sociedade sergipana. Essa situação nos remete a outras duas categorias apontadas por Xavier: a do “corpo erotizado” e a do “corpo liberado”. Ambas as categorias, como se observa, podem ser aplicadas ao caso das irmãs Corumba, que, ao afrontarem os valores familiares praticados até então, tornam-se vítimas da exclusão social imposta às prostitutas, em uma sociedade em que o corpo liberado se converte em mercadoria erótica.

Como é possível observar, as categorias apontadas por Elódia Xavier tornam possível identificar os valores da sociedade que serve de referencial a Amando Fontes, bem como o preconceito nela imperante. No caso do romance, além das irmãs Corumba, outras personagens femininas podem ser tomadas como exemplo das categorias teóricas classificadas pela autora. Por exemplo, podemos enquadrar na categoria do corpo subalterno todas as personagens femininas do romance, sem exceção, mulheres pobres submissas ao regime social imperante, o que nos permite traçar um paralelo entre a condição feminina na obra e a condição da mulher subalterna na sociedade machista da época. Essa situação fica bem representada na cena em que Albertina, uma das protagonistas do romance, é demitida

por não aceitar os assédios de seu superior. Nesse caso, a reação desse último, chamado “seu Joãozinho”, a quem a moça recorre quando do assédio de seu chefe imediato, deixa clara a posição feminina no discurso machista dominante. Nesse contexto, ao tentar fazer valer a sua razão, a mulher é sumariamente desconsiderada, sendo suas atitudes e comportamentos, em todos os aspectos, subjugados à razão masculina, como fica explícito na fala do empregador de Albertina:

-Ele é o contramestre! - atalhou, seco e severo, seu Joãozinho. – De nada adianta sua explicação. É na palavra dele que eu tenho de acreditar. Senão, adeus ordem e disciplina... A senhora mesma foi culpada de tudo. Fez um bruto escândalo na hora do serviço. (FONTES, 2003, p. 53).

Essa fala demonstra o processo de silenciamento da mulher, característico da sociedade patriarcal. Embora reconhecesse o valor de Albertina como mão de obra eficiente, em nenhuma hipótese ele leva em conta as suas razões quando ela se vê afrontada pelo assédio moral e sexual nos domínios do trabalho: “É na palavra dele que eu tenho de acreditar”. As palavras do empregador revelam uma realidade incontestável sobre a condição feminina nesse contexto, a qual diz respeito ao descrédito da palavra da mulher na sociedade machista, o que a coloca, frequentemente, na condição de culpada perante às razões do homem.

Para Silva (1991), Fontes consegue levantar em sua obra, uma questão bastante pertinente aos valores daquela época, a problemática da superioridade masculina, que reduzia a imagem feminina a de um ser subalterno, sem credibilidade alguma no universo masculino, principalmente na área profissional. Dessa forma, há uma inversão de valores, em que, segundo Silva (p.37), “a sociedade, afeita aos moldes tradicionais de comportamento, condenava toda atitude feminina que não fosse de submissão ao homem, seu superior”. Ou seja, a mulher que pensasse ou agisse contrariamente ao pensamento machista, seria considerada sem moral, uma “perdida”, não lhe restando outra saída, senão a prostituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo isso, podemos dizer que, no presente trabalho de conclusão de curso, buscou-se fazer uma reflexão acerca da imagem feminina no início do século XX, momento em que o país vivia uma transição ideológica, com a decadência da política agrária do café com leite, centrada na região sudeste, e da produção canavieira no Nordeste, ingressando no setor industrial. Em Sergipe, a produção industrial, estava em pleno vapor, destacando-se o setor têxtil, que atraía a população rural esperançosa de encontrar, nesse ambiente, melhores condições de sobrevivência, o que contribuiu para o grande êxodo rural das primeiras décadas do século XX (SILVA, 1991).

No entanto, apesar da modernização flagrada nesse contexto, predominava, culturalmente, uma mentalidade calcada nos valores tradicionais, naturalizando-se aí a ideia da mulher como propriedade e objeto de subjugação do poder masculino. Esse quadro me instigou o desejo de problematizar os pressupostos ideológicos desse sistema social, que condenava a mulher a viver sob a dominação masculina. Com esse intuito, procurei questionar a condição da mulher como objeto da dominação nesse contexto, tomando como referência a realidade representada no romance de Amando Fontes e a realidade histórica analisada nos estudos que serviram à fundamentação teórica deste trabalho. Com isso, procurei ressaltar a condição da mulher como vítima desse sistema social desumano, que lhe reservava o caminho da prostituição e da degradação humana, isto é, da marginalização, em uma sociedade que defendia os valores cristãos e a pureza sexual como meio de salvação.

Nesse contexto, a prostituição era o grande fantasma que assombrava as moças de família que, por falta de melhores oportunidades, adentravam no mercado de trabalho como operárias. Adotando essa linha de pensamento, busquei aqui problematizar a ideia da virgindade como um requisito para o casamento, corrente nesse contexto social, onde a união conjugal se dava como uma forma de aliança comercial. Neste trabalho, buscou-se analisar as condições sociais que contribuíam para esse quadro desigual, no qual se reservava à mulher um papel inferior ao do homem, destinando às mulheres pobres que transgrediam o padrão machista o caminho da marginalização social. Dessa forma, procurei ressaltar, neste trabalho, as condições que definiram a situação precária vivenciada pela mulher pobre nesse contexto específico, realidade esta, historicamente, falseada pelo discurso dominante, empenhado em caracterizá-la como incapaz e, ao mesmo tempo, responsável pelas mazelas sociais que se abatiam sobre ela.

REFERÊNCIAS

- BILHÃO, Isabel. “Mulheres operárias na Porto Alegre da virada do século XIX para o XX”. In: IX Encontro Estadual de História - Vestígios do Passado, 2008, Porto Alegre. Vestígios do Passado - A História e suas fontes. Porto Alegre - São Leopoldo: ANPHURS - OIKOS, 2008. v. 1. p. 1-22.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 40ª Edição. São Paulo, Cultrix: 1970.
- CANDIDO, Antônio. *A Educação Pela Noite*. Ática, 1989, São Paulo, (Séries Temas).
- _____. *Literatura e Sociedade*. 9ª Edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Débora Jucely. “A conquista da cidadania feminina”. Revista multidisciplinar da UNIESP. SABER ACADÊMICO-nº 11-Jun. 2011/ISSN 1980-5950.
- DEL POZO, D. *Consejos a las servientas cristianas y jóvenes obreras*. Barcelona, 1899.
- DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.
- FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 25ª Edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.
- HERNANDEZ, Carmen Ozório. “Movimento de mulheres e políticas para agricultura familiar: políticas para mulheres rurais ou com perspectiva de gênero?”. EMBRAPA, 2007. Disponível em:
<http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/67.pdf> Acesso em 18 de abril 2016.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 10ª Edição. 5ª impressão, Ática, ISBN 85 80 017146 2002. Disponível em:
< <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>.
- NOGUEIRA, Maria Júlia Reis. *As Propostas da CUT para Reforma Sindical: democratização das relações de trabalho?* / Maria Júlia Reis Nogueira. São Luís 2010.
- NOGUEIRA, O. Pupo. *A indústria em face das leis do trabalho*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianos, 1935.
- PAOLI, Maria Celia. “A família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil.” Tempo Social; Rev. Social. USP, 4(1-2): 17-41, 1992.

RALLE, M. “Um modelo social para as mulheres operárias.” *Feminismo y socialismo*, Barcelona, p. 4-6, 1996.

SILVA, Maria Ivonete Santos: *Romance Industrial: aspectos históricos e sociológicos da obra de Amando Fontes*. Brasília; Fundação Universidade de Brasília; Aracaju: governo do Estado de Sergipe/Fundesc, 1991.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? – O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.